

Diacronia e Gênero: Uma Análise Sobre o Absorvente Menstrual

Diachrony and Gender: An Analysis of the Menstrual Pad

ROSARIO, Maria Alice Silva Domingues do; Acadêmica em Design de Produto; Instituto Federal de Santa Catarina - Câmpus Florianópolis

maria.alice.rosario@gmail.com

SILVA, Jucelia S. Giacomini; Dra. em Design; Instituto Federal de Santa Catarina - Câmpus Florianópolis

jucelia.giacomini@ifsc.edu.br

A pesquisa reflete acerca dos processos de mudança e evolução do produto absorvente menstrual, assim como também evidencia o movimento feminista, papel social da mulher, as mudanças da visão sobre o produto e a historicidade do absorvente, relacionando-o ao processo sociocultural do cotidiano feminino e como as mudanças do mesmo estão inter-relacionadas às do absorvente. O objetivo geral foi realizar uma análise dos absorventes menstruais desde a década de 1940 até 2010, buscando compreender como a posição e representação da mulher na sociedade influenciou no design do produto. O método de pesquisa fundamentou-se na elaboração de revisão bibliográfica, análise diacrônica e histórica sobre o produto e sua relação com a sociedade ao longo da história. Como parte dos resultados foi possível identificar os diversos locais sociais ocupados pela mulher, e como os mesmos influenciaram e ainda influenciam diretamente os produtos voltados exclusivamente ao público feminino.

Palavras-chave: Absorvente Menstrual, Menstruação, Design de Produto, Gênero, Feminismo.

The research reflects about the processes of change and evolution of the menstrual absorbent product, as well as highlights the feminist movement, the social role of women, the changes of vision about the product and the historicity of the absorbent, relating it to the sociocultural process of women's daily lives and how the changes of the same are interrelated to the absorbent. The general objective was to carry out an analysis of the menstrual absorbents since the 1940s until 2010, seeking to understand how the position and representation of women in society influenced the design of the product. The research method was based on a bibliographic review, diachronic and historical analysis of the product and its relationship with society throughout history. As part of the results it was possible to identify the various social places occupied by women, and how they influenced and still influence directly the products aimed exclusively at the female audience.

Keywords: Menstrual Pad, Menstruation, Product Design, Gender, Feminism.

1 Introdução

O presente artigo é resultado do projeto de pesquisa desenvolvido no Programa de Educação Tutorial do Curso Superior de Tecnologia em Design de Produto, o qual teve como objetivo

estudar a evolução do absorvente menstrual, as inovações em torno do produto, bem como o produto vem sendo discutido pelas mulheres.

O tema apresentado teve como problemática compreender as mudanças do lugar social da mulher no decorrer da história e observar de que forma isso influenciou na evolução dos absorventes menstruais, pois no decorrer da história da humanidade a mulher esteve inserida em uma sociedade majoritariamente patriarcal, e segundo Pierre Bourdieu (2002), o homem exerce diferentes formas de dominação sobre a mulher e ela é, então, subjugada ao homem. Como reflexo da posição da mulher na sociedade patriarcal, os assuntos que se referiam unicamente à mulher e suas necessidades foram excluídos dos estudos e assim consequentemente da evolução construindo ao seu redor tabus. Nesses tabus temos como um dos principais os temas que envolvem o ciclo menstrual e os produtos utilizados para auxiliar a higiene e proteção da mulher nesse período, que atualmente vem sendo cada vez mais presente em estudos acadêmicos que abordam as questões de gênero.

De acordo com Sardenberg (1994, p.314), “A mulher, enquanto fêmea, vivencia movimentos cíclicos, periódicos, próprios às coisas da natureza que se manifestam em seu corpo, mês a mês, no seu sangrar” e é de notório saber que a menstruação atinge as mulheres na adolescência juntamente com as mudanças em seu corpo, resultado este da produção de hormônios sexuais: estrógeno e progesterona. Mesmo sendo este processo considerado pela biomedicina como fenômeno natural, há ainda um tabu social e cultural construído em torno da menstruação que impede, parte da sociedade de discutir livremente sobre a temática e principalmente sobre os produtos utilizados pelas mulheres no ciclo menstrual.

Ao realizar um trabalho etnográfico, Sanabria (2016) concluiu que a aparição pública do sangue menstrual é motivo de constrangimento para a maioria das mulheres e este, portanto, passa a ser escondido e nem mesmo mencionado, especialmente na presença de indivíduos do sexo oposto e é neste contexto, permeado de discursos e silenciamentos, de e sobre o corpo da mulher, que desde a antiguidade à contemporaneidade que o produto absorvente menstrual sofreu diversas alterações, mas principalmente no que se refere às necessidades específicas do corpo, do cotidiano da mulher.

Os tabus que cercam a menstruação são desta forma diretamente reforçados por essas condições da sociedade patriarcal pelas quais as mulheres estão submetidas, já que seus corpos são apagados e silenciados (AZZELLINI, et al, 2015). Ao serem silenciadas na sociedade as mulheres também acabavam sendo silenciadas entre elas mesmas não tendo assim um diálogo nem mesmo sobre temas cotidianos, tais tabus ainda acontecem atualmente como por exemplo quando ocorre o constrangimento de pedir um absorvente para a colega em um local público ou quando substitui-se discursivamente o “estou menstruada” por “estou naqueles dias”.

Diante deste contexto que o artigo aqui proposto se faz inovador no tempo presente, pois ao dialogar sobre a historicidade do produto absorvente é mais um instrumento acadêmico-científico que contribui para os estudos da área de design e sociedade, com enfoque na discussão do gênero, pois com os temas aqui discutidos será possível ampliar os conhecimentos da área e consequentemente também ampliar a discussão e a visibilidade a respeito das temáticas de gênero na área do design, com ênfase no produto absorvente feminino.

Além disso, a temática da pesquisa realizada é fundamental para que possamos dialogar cada vez mais sobre assuntos voltados inteiramente às mulheres, podendo desta forma

compreender a história e as inovações dos absorventes e como as mesmas vem se tornando uma discussão presente, tendo como incentivador o empoderamento feminino, que faz com que os assuntos que envolvem exclusivamente a mulher ganhem espaço na sociedade, desconstruindo assim cada vez mais o tabu em torno do tema e contribuindo socialmente com a história e luta das mulheres.

2 Percurso teórico metodológico: caminhos da pesquisa para realização do estudo

Segundo Minayo (2008, p. 57) a pesquisa qualitativa é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. Sendo assim, a presente pesquisa possui abordagem qualitativa e de caráter exploratório.

Lando (2020), também reforça que uma pesquisa exploratória visa explorar um tema ainda pouco estudado, analisado, normalmente esse tipo de pesquisa busca elencar hipóteses sobre o tema ou fenômeno estudado para que outras pesquisas as testem e validem.

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (GIL, 2017, p. 41)

Além de auxiliar na definição dos objetivos da pesquisa científica, a revisão bibliográfica também contribui nas construções teóricas, nas comparações e na validação de resultados de artigos científicos (MEDEIROS E TOMASI, 2008). Dito isto, a primeira etapa deste projeto se baseou em uma revisão bibliográfica, onde foram consultadas informações de livros de autores, artigos científicos que abordassem a temática estudada, considerando sempre que, “As principais fontes a serem consultadas para a elaboração da revisão bibliográfica são artigos em periódicos científicos, livros, teses, dissertações e resumos em congresso”. (MEDEIROS, TOMASI, 2008, p.15).

Na segunda etapa do projeto foi realizada uma análise diacrônica que consiste em analisar as mudanças que sucederam num determinado objeto de análise ao longo do tempo, segundo Pazmino (2013) a análise diacrônica é um exame dos fenômenos culturais, sociais, tecnológicos, etc, observados quanto à evolução de um produto, ou seja, é um levantamento das características do produto mostrando as mudanças ao longo do tempo. “O começo e o fim de uma época são geralmente marcados por alguma revolução mais ou menos brusca que tende a modificar o estado de coisas estabelecido”, (SAUSSURE, 1916, p. 33), sendo assim foram selecionadas imagens, no período de 1940 à 2010, o recorte temporal se deu por serem momentos de registros de empoderamento feminino e evolução da propaganda dos absorventes, que podem ser observados nas divulgações do produto com novas embalagens e linguagens ao consumidor divulgados em mídias de grande acesso, como por exemplo revistas femininas, assim adotamos como critério de análise as propagandas que foram divulgadas próximas à data de lançamento do produto, com uma grande quantidade de informações visuais e textuais presentes para realização da análise e a qualidade de imagem do material.

3 O Papel e Lugar Social da Mulher Ocidental no Decorrer da História

Ao realizarmos o levantamento bibliográfico para melhor interpretação dos dados da coleta da pesquisa, dialogamos com autores que historicizaram o objeto de estudo, demonstrando que até meados do século XIX, a vida da mulher era administrada conforme os interesses masculinos, sendo envolta em uma aura de castidade e de resignação (ALVEZ; PITANGUY, 1991) e desta maneira devido a essa ideologia patriarcal de inferioridade, o comportamento da mulher foi moldado pelos homens, definindo assim um padrão a ser seguido pelas mesmas. Segundo Mota-Ribeiro (2003), através de práticas culturais alimentadas ao longo de anos, a mulher viu certos conceitos sobre si mesma se solidificando cada vez mais, tornando-se inerentes a ela. A desigualdade de gênero fez com que surgissem cada vez mais tabus ao redor dos temas que se relacionam exclusivamente à mulher e um dos mais “temidos” era a menstruação.

Michelle Perrot (1988) nos demonstra que desde o princípio da história, o feminino foi construído historicamente no mundo ocidental sob a ótica do masculino e o lugar da mulher era o espaço privado e dos homens o público, definindo assim visões de subordinação, restando às mulheres uma posição silenciosa e de espectadoras da história. Infelizmente no tempo presente ainda há marcas de discursos que fortalecem o papel da mulher pela visão biológica, onde a mesma existe para gerar filhos e criá-los, não sendo capaz de realizar outras tarefas fora do meio “familiar”, assim fortalecendo a desigualdade de gênero.

Segundo a pesquisadora Dias (1988, p.27) “devemos nos libertar de categorias abstratas e de idealidades universais como “a condição feminina”, desconstruindo valores que nos auxiliam a redescobrir os papéis informais da mulher além dos normatizados pela sociedade”.

Pensando na condição do papel feminino, no lugar da mulher na sociedade Passerini (1993, p.39) afirma que “cremos que nós temos novamente chance especial de reverter velhos procedimentos e de não mais usar mitos do passado para ler o presente, e, sim, usar o presente para reinterpretá-los”, diante deste contexto mesmo que os padrões normativos e machistas estejam presentes na história, a tarefa de (re)interpretar o discurso e de desconstruir valores é fundamental para avançarmos na compreensão da mulher na sociedade.

As autoras Dias (1988) e Passerini (1993) destacam em seus textos a importância da desconstrução dos papéis sociais definidos para a mulher na sociedade, pois o modelo tradicional ainda se faz presente na historicidade da mulher, reforçando discursos machistas e de dominação que diminuem as igualdades de direitos entre o masculino e o feminino.

Importante destacar que o feminismo foi o movimento que surgiu visando desconstruir esse padrão estabelecido pela sociedade patriarcal, defendendo a igualdade de direitos e de “status” entre homens e mulheres, tendo uma grande força nos séculos XIX e XX.

3.1 Mulheres aos poucos assumindo uma posição de autonomia na sociedade

“O feminismo teve múltiplos objetivos ao longo do tempo, mas sempre teve como principal intenção romper com a ordem patriarcal, denunciando a desigualdade entre os sexos” (SILVA, 2008, p.54). O movimento gerou a união das mulheres e elas foram capazes de analisar, resistir a opressão sofrida, percebendo que tudo aquilo que ocorria e ocorre no espaço público consequentemente é decidido pelos homens, pelo masculino, e que este movimento atinge as vivências individuais e coletivas das mulheres.

Nas sociedades ocidentais do século XIX, a mulher estava centrada no espaço doméstico com funções, como criar os filhos e realizar os afazeres da casa. Segundo Palma e Santos Sá (2011)

com a eclosão da I e II Guerras Mundiais os homens vão para as frentes de batalha e as mulheres assumem as atividades de sustento familiar. Foi neste contexto que muitas mulheres se sentiram na obrigação de deixar a casa e os filhos para assumir funções e trabalhos que eram realizados apenas pelo masculino, seus maridos.

O movimento feminista encorajou as mulheres a denunciar a sujeição em que eram mantidas e que se manifestava em todas as esferas da vida: familiar, social, jurídica, política, econômica, educacional etc. Além disso, denunciou que a mulher mantinha, ainda, suas tarefas no lar e na família. (BORIS; CESÍDIO, 2007, p.459)

A partir dessa mudança social da mulher, retornar ao seu simples papel de guardiã do lar e da família não seria mais a realidade, pois a luta por igualdade já havia iniciado. No século XIX já existiam movimentos de mulheres reivindicando direitos trabalhistas, igualdade da jornada de trabalho para homens e mulheres e direito ao voto (PINSKY & PINSKI, 2003). Iniciou-se também a luta pela educação, onde apesar das dificuldades encontradas a alfabetização das mulheres começou a progredir e, junto a isso o surgimento de empregos mais qualificados para as mulheres, sendo mais intensificado durante a Revolução Industrial.

Porém a revolução da mulher em sociedade começou mais ativamente quando ela passou a buscar sua participação e representação na vida pública e na política, pois “A inserção da mulher na vida pública, isto é, sua participação na sociedade, partiu da necessidade de se ter melhores condições de trabalho.” (PALMA; SANTOS SÁ, 2011, p.55)

O século XX foi muito importante para a luta feminista já que muitas das reivindicações foram atendidas, neste período, ocorreu a primeira onda do feminismo que permitiu a participação política da mulher. Outras conquistas voltadas à saúde da mulher também começaram a acontecer; no ano de 1960 lança-se a pílula anticoncepcional, em um contexto em que “o movimento feminista no mundo estava se configurando como uma luta não só por espaço político e social, mas como uma luta por uma nova forma de relacionamento entre homem e mulher.” (ALVES, 2013, p.116).

Na década de 1980 o feminismo ganha mais força ainda ao se unir com outros movimentos sociais como, por exemplo, o movimento antirracista e, conseqüentemente, acabou se popularizando mais. Isso foi extremamente importante pois até então o movimento era conhecido apenas entre as classes mais elitizadas da sociedade e ao se difundir teve a adesão das classes populares. Além disso, segundo Alves (2013) neste momento, questões como sexualidade, corpo da mulher e a saúde, antes ditas apenas na esfera privada, são publicizadas pelo movimento feminista, surgindo uma linguagem inovadora e feminina além do espaço privado.

3.2 A desigualdade ainda existente

O feminismo ao longo do tempo proporcionou diversas conquistas para as mulheres, porém ainda vivemos em uma sociedade extremamente machista onde há uma grande diferença entre os gêneros em relação ao posicionamento social e isso interfere em diversos meios. Toma-se como exemplo a diferença salarial entre os gêneros onde, segundo o censo de 2020 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no Brasil as mulheres recebem 20% a menos do que os homens.

Nota-se também que as mulheres constituem 43% da população economicamente ativa, número que deve ser visto com cautela, pois, deste total, 44% estão ocupadas em atividades de baixa remuneração e sem perspectivas de evolução profissional: 18% são domésticas, 16% são autônomas e 10% não têm remuneração (IBGE, 2020).

Além da diferença salarial existem diversos outros obstáculos enfrentados pelas mulheres na atual sociedade patriarcal, pois as mesmas ainda são extremamente subjugadas e silenciadas tanto no espaço público como no espaço privado. Segundo a entrevista realizada pela UOL São Paulo, por Maria Júlia Marques, jornalista, no dia 27 de maio de 2016 com a socióloga Eva Blay (2016), "A mulher não é vista como um ser humano, e sim, como um objeto a ser usado pelo homem", observa-se e comprova-se com os dizeres da socióloga que o em algumas situações do cotidiano, por exemplo quando um homem exhibe sua parceira em eventos como um "troféu" devido à sua aparência, ou quando o homem acha que tem o direito de opinar e reger-se uma mulher está ou não de acordo com o padrão estético que ele deseja. Várias pequenas atitudes que ocorrem no dia a dia e que acabam muitas vezes passando despercebidas, afirmam e demonstram essa visão, ideologia patriarcal, onde a mulher é tratada como um objeto, um acessório, uma propriedade do homem.

Apesar de existirem leis voltadas à proteção da mulher, como a Lei Maria Da Penha (Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006); a violência ainda está muito presente. Segundo estatística recolhida pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, uma mulher é estuprada no Brasil a cada 11 minutos e como, também por culpa da opressão sofrida, apenas 30% a 35% dos casos são registrados, é possível que a relação seja de um estupro a cada minuto.

O conceito do local social da mulher na sociedade contemporânea continua ainda em evolução, junto à luta feminista as mulheres; que aos poucos conquistam seus direitos e combatem a opressão a que estão sujeitas. As mulheres conquistam cada vez mais seu lugar numa sociedade de forte resistência aos novos conceitos de gênero, protagonizando diversas causas femininas, reivindicando e discutindo questões que abordam esses conceitos. (ALVES, 2013).

3.3 A percepção da sociedade ocidental (e suas relações) com o fluxo menstrual

O ciclo menstrual é definido por Bancroft (1995, p.20) como "o testemunho recorrente e intrusivo da feminilidade reprodutiva de uma mulher, a essência do seu estado reprodutivo". Porém apesar de se tratar de uma fase natural da vida da mulher a menstruação sempre intrigou a civilização humana. Segundo Comfort e Comfort (1980) na antiguidade associava-se o período da menstruação à magia, acreditando-se que, caso uma mulher menstruada fizesse um pão, a massa não cresceria, ou ainda se fizesse uma geleia, ela jamais ficaria no ponto, e assim por diante.

A forma como a menstruação é vista e discutida no espaço público está relacionada fortemente com fatores religiosos e varia muito de cultura para cultura, mas algo que raramente se altera é a abordagem negativa que o fluxo menstrual sofre. Têm-se como exemplo o Antigo Testamento da Bíblia Sagrada (Levítico 15, p.139), que diz "A mulher que no tempo ordinário sofre incômodo, será separada durante sete dias. Todo que a tocar será impuro até a tarde".

Na Índia rural, as mulheres menstruadas não preparam comida para a família; as que vivem em favelas na região urbana, só o fazem porque não mais dispõem do suporte social da família extensa. Não obstante, a mulher indiana menstruada não se engaja em intercurso sexual e abstém-se de determinados alimentos. (GARG et al., 2001). Segundo SNOVVDEN e CHRISTIAN (1983) para o islamismo, a mulher é considerada impura e não é permitido aproximar-se dela até que esteja limpa, novamente. Os autores ainda consideram que em países como Egito, Jamaica, Iugoslávia e Filipinas é desaconselhável a visita às mulheres menstruadas por amigos

ou parentes, principalmente para gestantes e puérperas, pois a mulher menstruada é considerada uma ameaça à saúde reprodutiva e fértil destas.

Segundo Alves e Pitanguy (1991), até meados do século XIX, a vida da mulher era administrada conforme os interesses masculinos, sendo envolta em uma aura de castidade e de resignação. Devido a essa ideologia patriarcal de inferioridade, o comportamento da mulher foi moldado pelos homens, definindo assim um padrão a ser seguido pelas mesmas. Segundo Mota-Ribeiro (2003), através de práticas culturais alimentadas ao longo de anos, a mulher viu certos conceitos sobre si mesma se solidificando cada vez mais, tornando-se inerentes a ela. Como descreve Anna Druet (2021) a desigualdade de gênero fez com que surgissem cada vez mais tabus ao redor dos temas que se relacionavam exclusivamente à mulher, havendo inclusive uma teoria que sustenta que os tabus menstruais estão no centro da origem do patriarcado.

Tabu: proibição de caráter religioso entre certos povos ou comunidades de contato com determinados objetos, animais, pessoas ou lugares, atribuindo-lhes caráter sagrado, impuro e perigoso, e que, se violada, pode atrair castigo de ordem sobrenatural ao culpado e à sua família. (Michaelis, 2020, sp)

Segundo Azzellini, et al. (2015) Os tabus que cercam a menstruação são então diretamente reforçados por essas condições da sociedade patriarcal pelas quais as mulheres estão submetidas, já que seus corpos são apagados e silenciados. A menstruação é tão antiga quanto a própria mulher e por ter sido, e continuar sendo tratada, como tabu na sociedade, são diversos os significados e interpretações impostas a ela através do tempo.

3.4 A mulher e sua relação com o próprio corpo

Por ser constantemente julgada e tratada como um tabu social, a menstruação não foi discutida no espaço público, tampouco, no espaço privado. Michele Perrot (2006), busca discutir a falta de diálogo existente entre as próprias mulheres, bem como que apesar de o corpo feminino ser exposto no discurso dos poetas, dos médicos, dos políticos, as próprias mulheres não falam dele.

A mulher tem duas percepções do sangramento: uma da sua real experiência e outra como um membro dentro da sociedade a qual sofre influências dos significados que são atribuídos à menstruação. (SHINOHARA et al., 1994, p.196)

A percepção das mulheres acerca da menstruação é diretamente influenciada pela forma que a mesma é retratada na sociedade, Bancroft (1995, p.7) afirma que “no ocidente, a informação sutil, veiculada pelos meios de comunicação e propagandas de vários tipos de absorvente, nos quais o sangue é sempre azul”, mostra que, apesar do relativo progresso na abordagem pública da menstruação, pode-se observar que os mesmos antigos tabus ainda persistem, embora “escamoteados”.

Por conta do tabu existente, as próprias mulheres sentem-se constrangidas ao referir-se à menstruação ou qualquer assunto relacionado a ela. As mulheres se referem ao próprio corpo por metáforas: “o chico”, “ficou mocinha”, “assistida”, “tava naqueles dias”, “bandeira vermelha”, “o mês”, “veio hoje”, “eu vim” e tantas outras maneiras discursivizadas. Percebe-se estratégias de esconderijo, “uma teia de significados e linguagem entendida por elas, códigos apreendidos e reproduzidos, falados em voz baixa” (FÁVERI; VENSON, 2007, p.67).

Devido ao constrangimento e à falta de informação decorrentes do incômodo existente ao abordar o assunto, a menstruação ‘passou a ser vivida solitariamente por cada jovem’. (CAMPAGNA & SOUZA, 2006, p. 11)

Para o feminismo, os mitos e tabus relacionados à menstruação confirmam a repressão sofrida. Segundo Ratti; Azzellini; Barrense e Grohmann (2015) a ausência de discussão sobre a menstruação a invisibiliza, prejudica a relação das mulheres com o próprio corpo em nossa sociedade e fortalece a marginalização existente acerca do tema. Com os ideais feministas sendo cada vez mais aderidos na sociedade, aos poucos a mulher está sendo capaz de abordar a menstruação de uma forma totalmente diferente, tratando-a com normalidade e até mesmo com orgulho. A menstruação assume, na ótica feminista, um caráter político, na medida em que serviria como pretexto para fomentar a luta pelos direitos da mulher na sociedade (AMARAL, 2003).

É possível perceber em alguns dos relatos obtidos por AMARAL (2003, p.147), em sua coleta de dados realizada com 64 mulheres separadas em 8 grupos focais; a mudança de perspectiva que as mulheres estão passando a ter sobre sua menstruação.

Acho que a mulher já tem o hábito de falar,(...) “Ah, eu to menstruada” (...) sempre a gente fala, né? uma pra outra assim. Acho que é um jeito da gente se sentir mulher, assim também. (...) (VIII-7)

Eu acho que é a marca de mulher, mesmo. “Olha só: tá vendo? eu sou mulher. Aí, ó...” (...) É uma sensação por aí, né? Porque é a marca concreta, mesmo. (II-6)

Menstruação pra mim é um dispositivo que a natureza dá pra mulher, pra regular o ciclo dela, não só de concepção: de vida dela, né? (...) só daí depois da menstruação é que é considerada mulher realmente. É a essência da mulher (...) Um dos conceitos mais fortes de feminilidade da mulher, é este. (silêncio) (IV-2). (AMARAL, 2003, p.149)

Observa-se que apesar de ainda ser um assunto pouco discutido de forma realista no espaço público, a menstruação aos poucos vem sendo aceita, discursivizada e interpretada de uma forma mais positiva pela sociedade e também pelas próprias mulheres. Através do feminismo foi possível trazer este assunto em pauta para que fosse possível realizar um diálogo sobre, e assim contribuir com a diminuição deste tabu patriarcal.

4 O Absorvente Menstrual - Uma Breve Análise Diacrônica

Ao realizar a leitura do blog Pantys (2018), compreende-se que os primeiros registros da existência dos absorventes datam por volta de 2000 A.C, e apesar de poucos registros, e de muitos saltos históricos, surgiram diversas variedades e denominações para o mesmo. No início de tudo, o sangue era estancado internamente por pedaços de papiro ou “tampões” de lã, nesta época a menstruação era consolidada como algo ruim e venenoso onde eram liberadas toxinas.

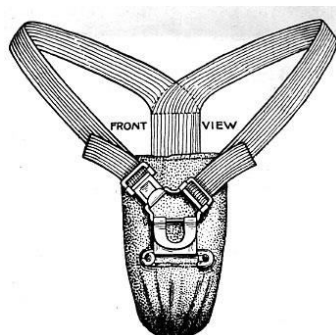
Na Idade Média o método mais utilizado era o das “toalhinhas”, feitas com a sobra de tecido das roupas. O material mais popular era o linho, pois conseguia absorver bastante sangue, eram dobradas em várias camadas e posicionadas sobre as roupas íntimas; outra opção também utilizada era uma espécie de almofada feita a partir de algodão envolto por gramíneas para aumentar o poder de absorção. Essas foram as primeiras versões de um absorvente reutilizável após a lavagem (PORFIRIO, 2018). Nota-se que a princípio as soluções encontradas para lidar com a menstruação eram improvisos feitos pelas próprias mulheres devido à necessidade, resultando não exatamente em um produto, mas sim em técnicas para o alívio de desconforto e a contenção do sangramento.

Até o Século XIX não houve muita evolução, o método mais higiênico continuava sendo o uso dos tecidos em diversas camadas. Nos Estados Unidos por volta de 1854 foram registrados os primeiros absorventes desenhados e produzidos para o mercado, o Sanitary Belt. O princípio

era o mesmo, porém o tecido utilizado agora era mais absorvente e junto a ele era utilizada uma cinta para a fixação do produto no corpo (PANTYS, 2018).

Apesar de o Sanitary Belt destacar-se por ser o primeiro produto em si voltado para o uso das mulheres durante o período menstrual, nota-se que em questões de uso não houve uma grande evolução já que o produto seguiu o mesmo princípio dos métodos anteriores, adicionando apenas uma cinta como método de fixação ao quadril.

Figura 1: Vista frontal Sanitary Belt, ilustração de 1925



Fonte: <http://www.mum.org/hoosier4.htm>

Figura 2: Ilustração do início de século XIX “The Victoria”, um modelo americano de sanitary belt



Fonte: <http://www.mum.org/beltjap.htm>

Segundo o vídeo publicado pelo Nexo Jornal (2018), no Século XX, durante a primeira Guerra Mundial (1914-1918), enfermeiras francesas notaram que a gaze usada nos curativos possuía um ótimo potencial de absorção, isso porque eram feitas de celulose, material que absorvia o sangue melhor que o algodão, sendo assim ideal para conter o fluxo menstrual. Essa descoberta fez com que fossem criados os absorventes de celulose, ainda sendo várias camadas do tecido dobradas sob as vestimentas íntimas e presas com os cintos, porém agora comercializado como um produto pela marca Kotex. O absorvente de celulose, apesar de ainda muito limitado, visou proporcionar mais conforto e uma solução mais efetiva e segura para as mulheres da época por meio de um tecido hospitalar e mais absorvente.

Figura 3: Exemplo de absorvente de celulose desenvolvido por enfermeiras



Fonte: <https://collection.maas.museum/object/150203>

A partir de 1914, devido à I Guerra Mundial, as mulheres começaram a trabalhar e a se tornar cada vez mais ativas na sociedade e no mercado de trabalho e, para que isso fosse possível, o absorvente também precisou evoluir. Graças ao desenvolvimento da tecnologia na época começaram a surgir os primeiros esboços dos absorventes higiênicos como conhecemos hoje: a junção de gaze, algodão e algo para fixá-lo à calcinha evitando vazamentos.

Os primeiros relatos sobre a venda de absorventes higiênicos no Brasil surgiram a partir de 1930, nas farmácias era vendido o Modess, produto da marca americana Johnson & Johnson que produziram o primeiro absorvente descartável com uma parte adesiva para fixação do produto na roupa íntima.

Os absorventes higiênicos trazem consigo uma grande evolução para os produtos menstruais, uma vez que o mesmo não foca apenas em conter o sangramento, mas além disso proporcionar um maior conforto, praticidade e higiene para a mulher por meio de seu sistema adesivo de fixação à peça íntima e principalmente por se tratar de um produto descartável.

Figura 4: Propaganda brasileira de 1932 da marca Modess



Fonte: <https://www.megacurioso.com.br/ilustracao-e-pintura/87975-13-propagandas-inusitadas-que-seus-avos-leram-em-revistas-dos-anos-1940.htm>

Já os primeiros registros dos absorventes internos surgiram em 1929 pelo médico estadunidense Earle Haas, ele desenvolveu os esboços iniciais dos tampões com aplicadores. Posteriormente no ano de 1933 os esboços se tornaram realidade e foram lançados no mercado os primeiros absorventes internos com aplicadores e cabo de remoção: o Tampax nos Estados Unidos (Procter & Gamble Co.) e o O.B. (Johnson & Johnson) na Alemanha. Apesar da popularização deste produto em diversos países, a novidade chegou ao Brasil em 1974 pela marca alemã O.B.

Os absorventes internos dão sequência à ideia de evolução visando cada vez mais o conforto para a mulher durante o período menstrual. Por se tratar de um método utilizado para conter o sangue menstrual internamente no corpo ele permite mais conforto e liberdade quando comparado com o absorvente externo. O mesmo quando inserido no canal vaginal absorve o sangue menstrual, evitando possíveis vazamentos, odores e sensação de umidade.

Figura 5: Propaganda estadunidense de absorvente interno do ano de 1940



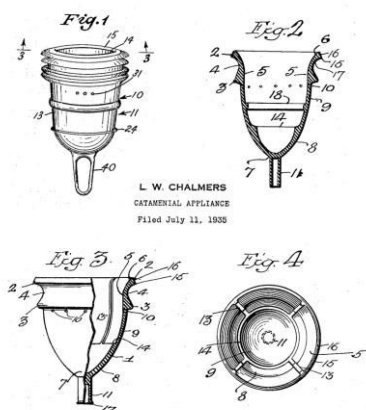
Fonte: <http://www.vintageadbrowser.com/beauty-and-hygiene-ads-1940s/113>

Apesar de ter destaque na mídia apenas na década de 2010, visando causar um impacto ambiental menor do que o uso do absorvente higiênico descartável, o coletor menstrual ou o famoso “copinho” possui registros desde 1930. Segundo Gomides (2018) acredita-se que seu uso foi pouquíssimo aderido pelas mulheres devido ao estranhamento em introduzir um objeto estranho pela vagina, questão que ainda possui um bloqueio cultural muito forte.

O coletor menstrual, por ter sido desenvolvido pensando no funcionamento e na anatomia da mulher, trouxe consigo um novo método eficaz para a contenção do sangue menstrual. Funcionando de forma interna, no canal vaginal, o produto armazena o sangue por um período longo de horas. Ao ser introduzido, o “copinho” forma um vácuo no canal vaginal, impedindo com que os fluidos menstruais sejam expelidos durante seu uso. Além disso, por permitir um

uso de várias horas seguidas sem ser necessária a troca, o coletor proporciona ainda mais conforto e confiança para a mulher.

Figura 6: Especificações do coletor menstrual em 1930, desenho técnico em diversas vistas



Fonte: <https://menstrualcup.co/invention-of-the-menstrual-cup/>

Figura 7: Coletor menstrual da marca Violeta Cup, produzido e comercializado atualmente



Fonte: <https://www.violetacup.com.br/coletor-menstrual-para-colo-baixo-veja-as-vantagens/>

Nos últimos anos, com a ascensão do movimento feminista, várias barreiras em relação à menstruação foram derrubadas. Apesar de ainda ser preciso muito diálogo e discussão sobre o tema, aos poucos este assunto está deixando de ser tabu e devido a isso está surgindo a cada dia uma visão mais consciente em relação aos métodos de absorção e como amenizar o impacto ambiental causado pelo uso de métodos descartáveis.

Surgiram então em 2017 as calcinhas absorventes, feitas de um tecido de secagem rápida, impermeáveis, respiráveis e anti-bactérias, cuja proposta é ser reutilizada por meio de lavagens e duram aproximadamente 2 anos, evitando assim o descarte de aproximadamente 1000 absorventes higiênicos.

As calcinhas absorventes têm como foco, além da questão ambiental, proporcionar o maior conforto possível para as mulheres durante a menstruação. Este método de contenção do sangue menstrual em teoria não altera a rotina da mulher neste período, já que a calcinha é um produto utilizado diariamente durante todo o mês.

Além disso uma questão trazida à tona com este produto foi a grande variedade dos vários tipos de corpos que menstruam, já que apesar de existirem diversos modelos e cortes de calcinha existem também as cuecas absorventes uma vez que homens trans também menstruam. Dessa forma a proposta desse produto vai muito além de um simples absorvente, mas traz junto a ele a importância da inclusão e diversidade.

Figura 8: Diversos modelos de calcinhas absorventes disponíveis pela marca Pantys



Fonte: <https://capricho.abril.com.br/moda/omg-calcinhas-que-substituem-absorventes-ja-chegaram-ao-brasil/>

Na maioria das sociedades a mulher sempre foi oprimida em relação ao próprio corpo e à sua sexualidade, apesar da persistência este cenário está mudando aos poucos e assuntos como a menstruação estão deixando de ser tabu e passando a ser discutidos.

Isso reflete diretamente nos produtos voltados exclusivamente para as mulheres, que apesar de muito tempo estagnados agora estão sendo estudadas soluções mais tecnológicas, confortáveis e sustentáveis.

5 Considerações Finais

Como resultado dessa pesquisa, conclui-se que ao gerar uma análise diacrônica do absorvente menstrual, relacionando-a com gênero e a evolução do design dos produtos, foi possível identificar os diversos locais sociais ocupados pela mulher, e como este fato influenciou e ainda influencia diretamente os produtos voltados exclusivamente ao público feminino, sendo utilizado como objeto de análise desta pesquisa o absorvente menstrual.

Para o desenvolvimento deste estudo, foram consultados artigos científicos sobre o tema, assim como matérias jornalísticas e entrevistas. Notou-se desde o início uma dificuldade para encontrar material imagético e consultar trabalhos acadêmicos sobre a temática menstruação, sendo que pouquíssimos eram da área de Design, destacando-se então a importância de produzir material dessa temática.

A partir da análise diacrônica, foi possível enxergar a forma como o design do absorvente menstrual e o papel social da mulher estão diretamente interligados. Porém mostra-se necessário destacar que não foi o produto que evoluiu para que a mulher pudesse avançar e conseguir seu devido lugar na sociedade, mas sim a luta da mulher, amparada pelo feminismo, que possibilitou a evolução do produto.

Por fim, considera-se que o presente artigo propiciou uma compreensão mais aprofundada sobre a historicidade dos produtos menstruais e suas diversas características e também possibilitou uma visão sobre o cenário e contexto histórico tanto dos absorventes como do

sujeito mulher e a relação entre ambos. A análise diacrônica permitiu a percepção de como o empoderamento feminino e o movimento feminista, ao longo dos anos, contribuiu para a mudança dos produtos e sua representação na mídia, dessa forma interferindo como o mesmo é visto e discutido nos espaços públicos; pois:

A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada, para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança. (PERROT, 2007, p.15)

Sendo assim, após a conclusão do presente artigo, ressalta-se a importância da participação das mulheres de forma ativa, de novos olhares e formas de se fazer na sociedade, seja no espaço público como no privado.

6 Referências

- A EVOLUÇÃO DOS ABSORVENTES. Blog Pantys, 2018. Disponível em: <<https://www.pantys.com.br/blogs/pantys/a-evolucao-dos-absorventes>>. Acesso em: 13 de abril de 2022.
- Alves, B. M., & Pitanguy, J. (1991). **O que é feminismo?** (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense.
- AMARAL, Maria. **PERCEPÇÃO E SIGNIFICADO DA MENSTRUACÃO PARA AS MULHERES**. 2003.
- BANCROFT, J. & BÄCKSTRÖM, T. (1985). **Premenstrual syndrome**. Clinical Endocrinology, Vol. 22; pp. 313-336.
- BANCROFT, J. (1995). **The menstrual cycle and the well being of women**. Social Science and Medicine, Vol. 4; N. 6; pp. 785-791.
- Bíblia Sagrada. 9 ed. São Paulo: Paulinas, 1 955. p.1 39: **Levítico 15. cap.1 5 verso 19 e 2**.
- BORIS, Georges D. J. B.; CESÍDIO, Mirella H. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade**. Revista Mal-estar E Subjetividade. Fortaleza. 2007.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2.ed. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CAMPAGNA, Viviane Namur; SOUZA, Audrey Setton Lopes de. **Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina**. Boletim de Psicologia, 2006, 56; 09-35.
- CENSO IBGE. **Diferença cai em sete anos, mas mulheres ainda ganham 20,5% menos que homens**. 2019.
- COMFORT, A. e COMFORT, J. **ACB do Amore do Sexo: orientação sexual pra adolescentes**. São Paulo: Abril Cultural, 1 980. p.38-9: Os marcos iniciais: menstruação e ejaculação.
- DIAS, Maria Odila Leite da. **Hermenêutica do cotidiano**. In: Revista Projeto História. São Paulo, nº17, Nov/1998.
- DRUET, Anna. **Como a menstruação virou tabu?**. Hello Clue. 4 de maio de 2021
- FÁVERI, Marlene; VENSON, Anamaria. **Entre vergonhas e silêncios, o corpo segredo. Práticas e representações que mulheres produzem na experiência da menstruação**. 2007.
- FOCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.

- GIL, Carlos. LAUDON, Kenneth C.; LAUDON, Jane P. **Management information systems: new approaches to sex hormones and menstrual suppression in Brazil**. Duke University Press, p.252
- MEDEIROS, J. B.; TOMASI, C. **Comunicação Científica: normas técnicas para redação científica**. São Paulo: Atlas, 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
- Mota-Ribeiro, S. (2003) **‘Corpos Visuais – imagens do feminino na publicidade’** in Macedo, A. & Grossegesse, O. (eds.) (2003) *Re-presentações do Corpo*, Coleção Hispérides – Literatura, Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, pp. 115-132.
- NEXO JORNAL. **O tabu da menstruação e a evolução dos absorventes**. 2018, (3m35s). Disponível em: www.youtube.com/watch?v=2CRk4XKieAY.
- PALMA, Ana; SÁ, Maria. **A construção do feminino e as mudanças na sociedade moderna**. 2011.
- PASSERINI, LUISA. **Mitobiografia em História Oral**. In: Revista Projeto História. São Paulo: EDUC, N.10, 1993.
- PAZMINO, Ana V. **Como Se Cria: 40 Métodos Para Design De Produtos**. São Paulo:
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4a Ed, 1988.
- PINSKI, Jaime; PINSKI, Carla Bassenzi. **Por uma História Prazerosa e conseqüente**. In: Karnal, Leandro (org.). *História na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- PORFÍRIO, Juliana. *A história do absorvente*, 2018. Disponível em: <https://hysteria.etc.br/ler/a-historia-do-absorvente/>. Acesso em: 13 de abril de 2022.
- PORFÍRIO, Juliana. **A história do absorvente**. 2018.
- RATTI, Claudia R.; AZZELLINI, Érica C.; BARRENSE Heloísa.; GROHMANN, Rafael. **O Tabu da Menstruação Reforçado pelas Propagandas de Absorvente**. 2015.
- SARDENBERG, Cecília M. B. **De sangrias, tabus e poderes**. In: estudos feministas. N. 02, 1994.
- SAUSSURE, Ferdinand de, 1857-1913. **Curso de linguística geral** I Ferdinand de Saussure ; organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye ; com a colaboração de Albert Riedlinger ; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum ; tradução de Antônio ehelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. -- 27. Bd. -- São Paulo : Cultrix, 2006.
- SILVA, Elizabete Rodrigues da **.Feminismo radical – pensamento e movimento**. Revista Travessias –Educação, Cultura, Linguagem e Arte, v. 2, n. 3, 2008.
- SNOVIIDEN, R. e CHRISTIAN, B. *Patterns and perceptions of menstruation*. Manuka: World Health Organization, 1983.
- TABU. Michaelis online. Dicionário da língua portuguesa. 2020.